



A Prática Docente no Ensino de Geografia na cidade de Porto Nacional no contexto pandêmico (2020 – 2021)

The teaching Practice in Geography Teaching, in the city of Porto Nacional, in the pandemic context (2020-2021)

1. Daniela Pereira de Macêdo  <https://orcid.org/0000-0001-5630-9275>
1. Universidade Federal do Tocantins  Porto Nacional, Tocantins, Brasil
2. Mariléia Oliveira Bispo  <https://orcid.org/0000-0003-2017-8773>
2. Universidade Federal do Tocantins  Porto Nacional, Tocantins, Brasil
3. Atamis Antonio Foschiera  <https://orcid.org/0000-0002-1306-4180>
3. Universidade Federal do Tocantins  Porto Nacional, Tocantins, Brasil

Autor de correspondência: daniela.pereira1@mail.uft.edu.br

RESUMO: A pandemia da Covid-19, causada pelo vírus Sar-CoV2 se disseminou pelo mundo a partir de 2020, afetando vários setores, sendo um deles a Educação. O Objetivo deste trabalho é analisar como ocorreu a atuação dos professores de Geografia da Educação Básica na cidade de Porto Nacional – Tocantins, durante o período pandêmico (2020-2021). Para operacionalidade desta pesquisa, foi elaborada entrevista semiestruturada com três professores, que tiveram vínculo com o Programa Residência Pedagógica pelo curso de Geografia, da Universidade Federal do Tocantins nas escolas: Escola Estadual Girassol de Tempo Integral Dom Pedro II, da Escola Estadual Carmenia Matos Maia e da Escola Estadual Girassol de Tempo Integral Irmã Aspásia. Duas entrevistas se deram na modalidade presencial e uma foi via *Google meet*. Como resultados podemos destacar que os professores não tiveram uma capacitação aprofundada para atuar no Ensino Remoto Emergencial. Os roteiros de atividades eram elaborados e enviados aos alunos quinzenalmente. Uma das grandes dificuldades relatadas pelos professores durante o ensino remoto foi a comunicação com seus alunos, tanto para tirar dúvidas como para acompanhar seu desenvolvimento. Todos os professores mencionaram a importância do ensino no modelo presencial, no qual os alunos têm uma maior aprendizagem.

Palavras chaves: Geografia; Educação Básica; Professores; Pandemia.

ABSTRACT: The Covid-19 pandemic spread across the world, affecting several sectors of society, including Education. The objective of this paper is to analyze how Geography teachers in Basic Education in the city of Porto Nacional acted during the pandemic period. For the operationalization of this research, a semi-structured interview was developed with three Basic Education teachers from different state schools in Porto Nacional, Tocantins state, who were linked to the Pedagogical Residency Program of Basic Education in Geography/UFT. Two interviews were conducted in person and one through Google Meet. As a result, we can highlight that the teachers didn't receive in-depth training to operate in

Emergency Remote Teaching. The activities itineraries were prepared and sent to the students biweekly. One of the major difficulties faced by the teachers was the communication with their students. All the teachers mentioned the importance of in-person teaching.

Keywords: Geography; Basic Education; Teachers; Pandemic.

Introdução

A pandemia da Covid-19 se disseminou em vários países e afetou vários continentes. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o surto viral causado pelo SARS-COV-2 se tornou uma Emergência de Saúde em 2020, sendo considerada como uma emergência de saúde mundial, definindo a doença Covid-19 como uma pandemia.

A doença do Coronavírus, conhecida pela sua abreviatura em inglês como Covid-19, é uma doença contagiosa que se propagou rapidamente devido à circulação de pessoas infectadas, provocando internações hospitalares e óbitos em grande escala. O novo coronavírus, conhecido como SARS-COV-2, chegou ao Brasil por entradas diferentes, com destaque nos meios dos fluxos de voos internacionais, chegando nas grandes capitais.

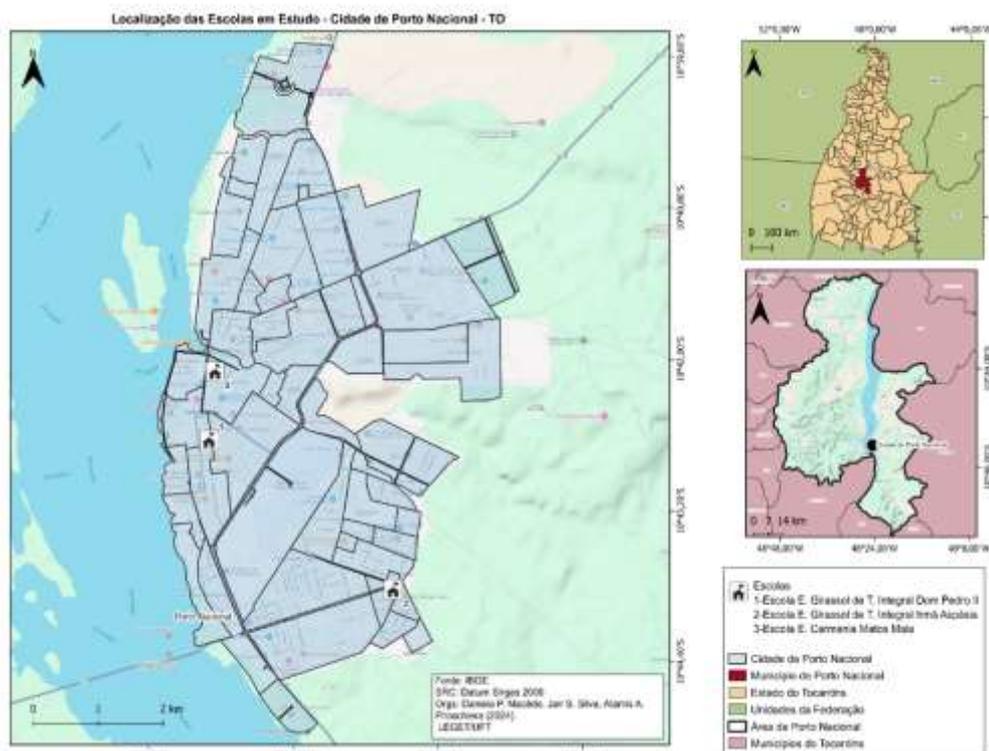
A Covid-19 é uma “doença dos espaços de fluxos, sujeita a variáveis de duração, extensão, escala e superposições” (Aguiar, 2020 p.52). A circulação de pessoas faz com que os meios de transportes sejam os grandes transmissores da contaminação. De acordo com Bessa e Luz, (2020), é relatado que o primeiro caso identificado de Covid-19 no Brasil, foi registrado em 26 de fevereiro de 2020, na cidade de São Paulo, a qual se tornou o centro da doença, disseminando o vírus para outras localidades. Os autores argumentam que no Tocantins o primeiro caso notificado ocorreu no dia 18 de março de 2020, na cidade de Palmas, capital do estado. O município de Porto Nacional -TO apresentou o primeiro caso de Covid-19 em 29 de abril de 2020 (Macêdo e Foschiera, 2023).

Para fazer frente a disseminação da Covid19 no estado do Tocantins, referente a questão educacional, o Governo do estado promulgou uma série de normativas, suspendendo as atividades presenciais, tanto nas escolas públicas, como privadas e nas

universidades. No decorrer do período pandêmico, com a diminuição dos casos de Covid-19, foram promulgadas normativas que possibilitavam o retorno parcial das atividades presenciais por meio do Ensino Híbrido (EH).

O presente trabalho busca fazer uma análise da atuação de professores da Educação Básica de Porto Nacional-Tocantins, que ministraram a disciplina de Geografia, no período da pandemia da Covid-19. Os sujeitos da pesquisa foram professores de Educação Básica de escolas de Porto Nacional, da disciplina de Geografia. São professores que tinham vínculo com Programa Residência Pedagógica junto a UFT/Campus de Porto Nacional. As referidas escolas foram: Escola Estadual Girassol de Tempo Integral Dom Pedro II, na qual a professora Bertha atuou. Escola Estadual Girassol de Tempo Integral Irmã Aspásia, local de atuação do professor Antônio e a Escola Estadual Carmania Matos Maia, onde atuava o professor Milton (Figura 1). O período de análise foram os anos de 2020 e 2021, nos quais vivenciou-se nas escolas atividades diferenciadas devido à pandemia da Covid-19.

Figura 1 - Localização das Escolas em Estudo na Cidade de Porto Nacional



Fonte: Levantamento de Campo. Organização: Daniela P. Macêdo, Jair S. Silva e Atamis A. Foschiera, 2024.

Em relação as ações colocadas em prática pelo Governo do Estado do Tocantins, referentes à Covid-19, foram analisadas as normativas publicadas no Diário Oficial do Estado do Tocantins no período pandêmico que impactaram as escolas estaduais. Como forma de obtenção de dados foram elaboradas entrevistas semiestruturadas. As entrevistas com a/os Professores Bertha e Milton foram realizadas presencialmente. Já com o professor Antônio, utilizou-se do *Google Meet*¹.

Contextualização da pandemia da Covid-19 e a educação

O conhecimento sobre a família do coronavírus não é recente e desde muitos anos cientistas já vem estudando sobre suas variações. Em 2019 foi identificado uma nova variação, o vírus chamado SARS-CoV-2² (novo coronavírus), conhecido por causar a doença denominada Covid-19, que se tornou uma pandemia (Loiola, 2020).

Devido à pandemia de Covid-19, teve-se momentos únicos na área da Educação, fazendo-se necessário o uso de estratégias no que diz respeito tanto em relação ao vírus, quanto no distanciamento social. O contexto pandêmico gerou várias transformações no dia a dia da sociedade, como o fechamento das escolas e universidades.

Devido a pandemia da Covid-19, o isolamento social foi tido como uma das formas de evitar o contato entre as pessoas e não disseminar a doença. A sociedade precisou se readaptar, as escolas tiveram que fechar suas portas como meio de prevenção à doença, evitando o contágio entre professores alunos e os demais trabalhadores (Oliveira, Corrêa e Morés, 2020).

A Portaria nº 343, de 17 de março de 2020, do governo federal, possibilitou a realização de aulas remotas. A mesma “dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19” (Brasil, 2020).

As aulas em forma digital ou via roteiros de atividades foram denominadas de Ensino Remoto Emergencial (ERE). O ERE foi a forma utilizada para se adaptar ao

¹ Como o período das entrevistas se deu durante o processo de posse de alguns professores no concurso do estado do Tocantins, preferíamos não expor seus nomes para preservar a identidade dos mesmos. Sendo assim, a escolha dos nomes dos professores deste trabalho é fictícia.

² Síndrome Respiratória Aguda Grave – Coronavírus 2.

cenário pandêmico que se estava vivendo e continuar com a educação formal (Oliveira, Corrêa e Morés, 2020; Sousa e Araújo, 2023).

Segundo Oliveira, Corrêa e Morés (2020), que analisaram dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), aproximadamente 1,2 bilhão de estudantes em todo o mundo foram atingidos pela Covid-19. Nesta circunstância, o uso das Tecnologias Digitais Interativas (TDIs) receberam destaque, fazendo com que as escolas se adaptassem ao uso das mesmas no ensino e aprendizagem, tendo que transformar seus processos pedagógicos baseados no modo presencial *online*.

Tanto escolas públicas como privadas adotaram ao uso de tecnologias (ERE) durante a pandemia para o processo de ensino e aprendizagem em razão do isolamento social, substituindo as aulas presenciais das salas de aula pelo ensino através das telas/aparelhos tecnológicos. A nova forma de ensino exigiu que professores e alunos se adequassem no modo “*online*”, sendo necessário os professores reverem suas práticas pedagógicas, ajustando-as para o ensino remoto (Sousa e Araújo, 2023).

A pandemia causou transformações no âmbito da prática docente, por exemplo, intensificando com aulas remotas o uso de plataformas digitais como o *Google Forms*, *Google Meet*, grupos de *WhatsApp* e outras Tecnologias Digitais Informação e Comunicação (TDIC). Os meios tecnológicos foram fundamentais no decorrer da pandemia do Covid-19, no processo de ensino e aprendizagem (Sousa e Araújo, 2023).

No ensino remoto os professores tiveram que trabalhar suas aulas abordando a realidade dos alunos, ou seja, trazendo para debate o momento que estavam vivendo, como a pandemia estava afetando a aprendizagem dos mesmos, buscando analisar a dimensão educativa, pedagógica e científica e motivarem os alunos a buscarem conhecimentos empíricos e científicos colaborativos (aluno-aluno, aluno-família e aluno-professor). Também, os alunos precisaram ter certa autonomia no ensino remoto, tendo em vista que os professores não poderiam acompanhá-los como em uma sala de aula presencialmente, ficando responsáveis pela própria aprendizagem, tornando-se protagonistas em relação ao seu ensino (Oliveira, Corrêa e Morés, 2020).

Segundo Oliveira, Corrêa e Morés (2020), os professores tiveram que reavaliar e refazer, de forma urgente, suas mediações com os alunos, elaborando atividades e enviando-as aos alunos, muitas vezes sem conseguir dar o devido acompanhamento a cada um. Para esses autores, os professores não tiveram preparo para lidar com o Ensino Remoto Emergencial (ERE), que seria de suma importância para o desempenho de suas funções.

Durante o ERE os professores ministravam as aulas, praticamente, com a mesma carga horária do presencial, agora, interligados com alunos por meio de dispositivos tecnológicos. Nesse período esperava-se que os professores pudessem ministrar aulas interativas, dinâmicas, etc. (Oliveira, Corrêa e Morés, 2020).

O ensino remoto cobrava bastante tempo e espaço dos professores, porém os mesmos não tinham muitas condições de pensar sobre as relações humanas e a relação entre professor e aluno devido às necessidades de construir atividades para passarem aos alunos (Gonçalves e Pesce, 2021).

Um dos aparelhos mais utilizados pelos estudantes no ERE foi o celular, o que levava a várias implicações, pois tinha-se o uso do mesmo por diferentes sujeitos do grupo familiar, levando a limitações do aparelho para as atividades escolares, bem como a falta de acesso à internet de qualidade, entre outras (Gonçalves e Pesce, 2021).

A implantação do ensino remoto emergencial (ERE), devido a pandemia da Covid-19, causou grandes aflições na sociedade escolar, independente se havia ou não uma infraestrutura para sua execução, gerando doenças emocionais, psicológicas e físicas em professores e alunos. As cobranças de trabalho para os professores, em especial os contratados de redes públicas, devido sua renda depender de resultados, causou ansiedade. Conciliando a isso, temos o congelamento de salário, ao mesmo tempo que os professores dobraram ou triplicaram sua carga horária de trabalho (Gonçalves e Pesce, 2021).

Quando a pandemia estava sendo amenizada no ano de 2021, segundo portaria que vamos ver posteriormente, algumas escolas passaram do ERE para o Ensino Híbrido (EH), possibilitando que parte das aulas fossem presenciais e parte seguissem remotas. Nessa modalidade, o retorno para as salas de aulas foi ocorrendo de forma paulatina.

Conforme Corrêa, Oliveira e Morés (2020), o EH compartilha dos princípios da sala de aula tradicional como da *online*. Para os autores, o EH pode ser uma tendência a se perenizar no processo educativo.

A debilidade das políticas públicas relacionada a educação no período do ensino remoto, destacou a desigualdade dessas políticas, principalmente para os de alunos e professores das regiões periféricas e rurais, visto que foi insuficientemente considerada a situação social e as condições das escolas, professores e familiares inseridas em condições de vulnerabilidade social (Gonçalves e Pesce, 2021).

Devido a situação vivenciada no período de pandemia, com a educação no modelo remoto, fica claro a importância das escolas no modelo presencial. O que foi implementado numa situação de emergência não pode prevalecer como opção para o futuro. A convivência entre escola e aluno é fundamental. A coletividade é de grande importância para o desenvolvimento de futuros cidadãos. A escola física é indispensável para a educação. A circunstância pandêmica mostrou que a profissão de professor não é autônoma, autoral e nem colaborativa (Gonçalves e Pesce, 2021).

Para garantir uma educação com qualidade se faz necessário assegurar a escola como lugar de relações humanas construindo cidadãos. Dessa forma, destaca-se a importância de investimentos na formação inicial e continuada dos professores, seja em relação à conteúdos, à metodologias de ensino, bem como no manuseio de novas tecnologias digitais que vão surgindo e podem ser utilizados no processo de ensino-aprendizagem. (Gonçalves e Pesce, 2021).

Uma forma de continuidade dos estudos durante a pandemia da Covid-19, também foi a entrega de tarefas nas casas dos alunos ou de algum representante de os mesmos retirá-las em um local indicado. Na literatura acessada não encontramos textos que discutissem essa realidade.

A Educação Básica no Tocantins no período pandêmico

O fechamento das escolas estaduais no Tocantins, devido a Covid-19, ocorreu a partir do Decreto Nº 6.065, de 13 de março de 2020 (Tocantins, 2020a), que suspendeu, pelo período de 16 a 20 de março de 2020, todas as atividades educacionais nas

unidades escolares da Rede Pública Estadual de Ensino, bem como pelo Decreto Nº 6.071, de 18 de março de 2020 (Tocantins, 2020b), que suspendeu, por prazo indeterminado, as atividades educacionais em estabelecimentos de ensino com sede no Estado do Tocantins, públicos ou privados, como escolas e universidades.

Também referente a Covid-19, foi editado pelo Governo do Estado do Tocantins o Decreto Nº 6.073, de 24 de março de 2020, que determinou a antecipação das férias escolares da Rede Pública Estadual de Ensino que, previstas para o período de 1º a 30 de julho de 2020, passarão a ocorrer no período de 25 de março a 23 de abril de 2020 (Tocantins, 2020c).

Outros documentos envolvendo a questão da Covid-19 em escolas no Tocantins foram apresentados pelo Conselho Estadual da Educação (CEE), por intermédio da Resolução CEE/TO Nº 105, de 08 de abril de 2020 (Tocantins, 2020d), que estabelece formas de reorganização do Calendário Escolar/2020 e define o regime especial de atividades escolares não presenciais no Sistema Estadual de Ensino do Tocantins. Essa resolução foi aprimorada pela Resolução CEE/TO Nº 154, de 17 de junho de 2020 (Tocantins, 2020e), que estabelece normas complementares para a reorganização do Calendário Escolar por atividades educacionais não presenciais. As atividades não presenciais podem ocorrer pelo uso de práticas mediadas ou não por tecnologias digitais de informação e comunicação.

Essas medidas foram seguidas pelas escolas públicas para não prejudicarem o ano letivo dos alunos, em função da pandemia da Covid-19. O ensino não presencial nas escolas estaduais do Tocantins se deu tanto “por meio dos roteiros de estudos impressos ou em formato digital, bem como aulas on-line, para os estudantes/escolas com acesso à conectividade” (Tocantins, 2021).

A partir do Decreto 6.067, datado em 13/03/2020, cerca de 157 mil estudantes da rede estadual pararam de ir as escolas, devido ao cancelamento das aulas e ao fechamento das escolas estaduais no Tocantins. Essas orientações também foram seguidas nas redes municipais de ensino do estado do Tocantins (Macedo, Santos e Santana, 2020).

A Secretaria Estadual de Educação, Juventudes e Esportes do estado do Tocantins (SEDUC) tomou as decisões relacionada a prevenção do Covid-19 seguindo as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS). Sendo assim, a SEDUC elaborou um relatório para que o Ensino Médio retornasse as aulas no formato remoto, com destaque para o 3º ano, sendo uma maneira de não prejudicar os estudantes em período de provas como Enem e vestibular, bem como que não prejudicasse a possibilidade desses jovens entrarem no mercado de trabalho (Macedo, Santos e Santana, 2020).

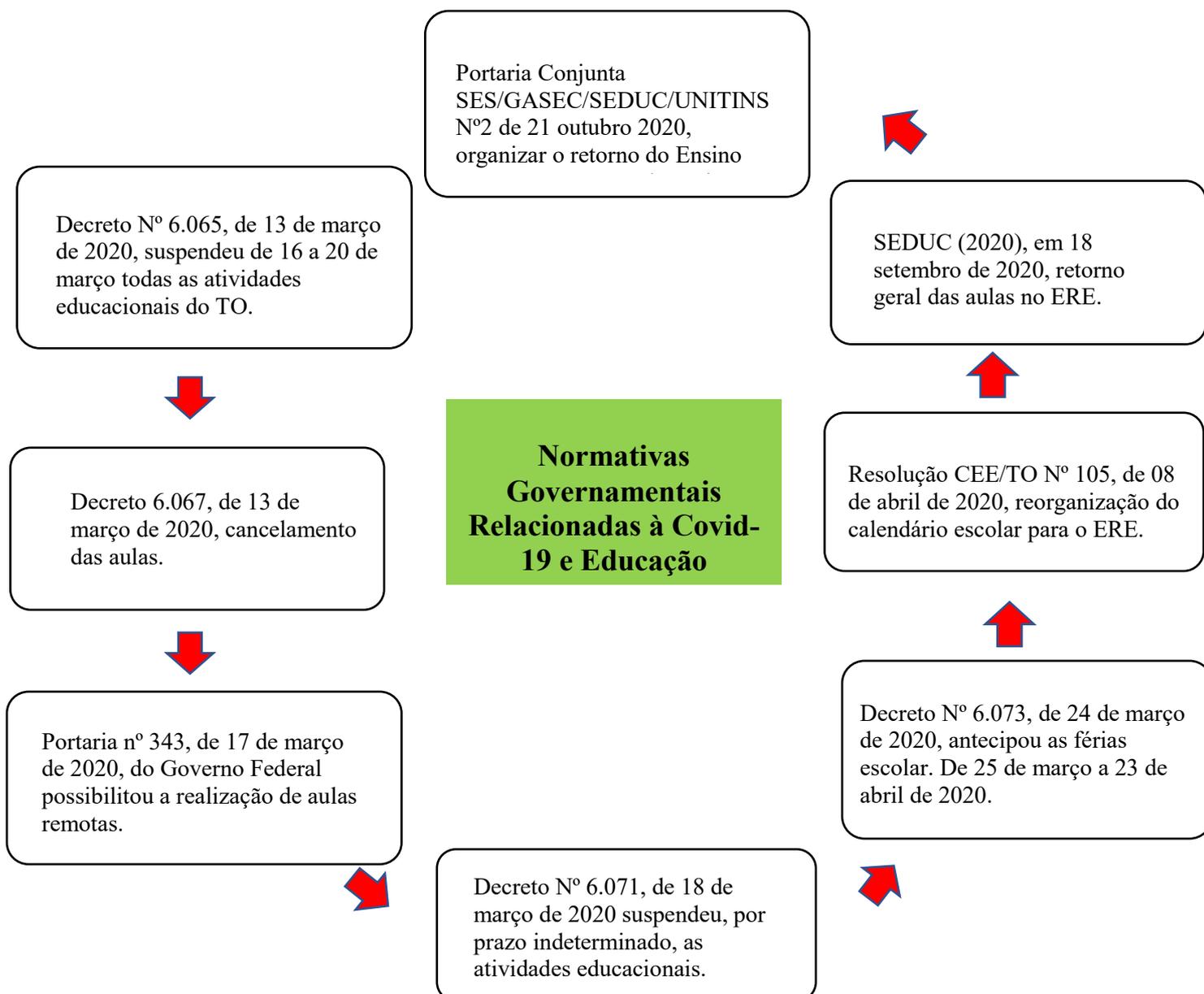
Conforme o relatório da SEDUC (2020), citado por Macedo, Santos e Santana (2020), em relação ao ensino fundamental, as aulas iniciaram em 18/09/2020, porém, antes, houve o planejamento e formação organizada pelos técnicos da SEDUC, com entrega de materiais educativos, como os livros da língua Portuguesa e Matemática. Esses materiais foram adequados para o período pandêmico, sendo entregue online ou impresso aos professores do ensino fundamental.

O ensino remoto é implementado no Ensino Fundamental, nas turmas do 6º ao 9º ano, para os estudantes que tinham acesso à internet. Já, os que não tinham esse acesso, os pais ou responsáveis teriam que retirar na escola as atividades impressas que foram elaboradas pelos professores. Os alunos realizavam as atividades em casa e, em torno de 15 dias, eram encaminhadas para a escola e assim sucessivamente (Macedo, Santos e Santana, 2020).

Para os alunos que moravam na zona rural, os ônibus escolares levavam as atividades na casa de cada estudante, entregavam e pegavam a anterior, seguindo um cronograma estabelecido pela escola. Os professores utilizavam plataformas digitais para ministrar suas aulas, tinham acesso a rede de comunicação pela internet, eram cadastrados na plataforma *Google Classroom* para elaborar atividades e faziam o uso do *WhatsApp* para se comunicar com seus alunos. Alguns alunos não participavam das aulas por falta de acesso à internet (Macedo, Santos e Santana, 2020).

O estado do Tocantins, com sua variedade cultural, econômica e social, não conseguiu ofertar atendimento de forma igualitária a todos os alunos e professores da rede estadual no período pandêmico, visto que atendem várias comunidades

quilombolas e indígenas e assentamentos de reforma agrária. Devido a pandemia e as dificuldades de estudos que surgiram, teve-se as evasões escolares, gerando várias preocupações. Alguns alunos deixaram de realizar e enviar as atividades propostas, o que levou às escolas desenvolverem uma ação em busca desses alunos, para eles retornarem com a realização das atividades propostas nos roteiros (Macedo, Santos e Santana, 2020).



No Tocantins foi sendo organizado a volta parcial das aulas presenciais via Ensino Híbrido por diferentes documentos. Pode-se destacar a Portaria Conjunta SES/GASEC/SEDUC/UNITINS Nº 2 de 21/10/2020 que aprovou o Protocolo de Segurança em Saúde para o Retorno de Atividades Educacionais Presenciais em Instituições de Educação Básica e Superior no Território do Tocantins. Também foi lançado o Plano de Retomada das Atividades Escolares Presenciais - Ensino Híbrido, em 14 de maio de 2021, por intermédio de um suplemento do Diário Oficial estadual.

Resultados e discussões

Para a elaboração prática da entrevista³, foram considerados três professores, todos da Educação Básica da cidade sede do município de Porto Nacional-Tocantins. As discussões que seguem foram baseadas no roteiro de entrevista acima apresentado.

Apresentação do perfil dos professores

A professora Bertha se formou em Geografia no ano de 2014. Iniciou sua atuação como professora depois de 7 anos de formação, no ano de 2021. Iniciou as atividades como professora no período final da pandemia, nos últimos seis meses da mesma, trabalhando nas turmas de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II, por meio de contrato.

O professor Antônio se formou em Geografia no final de 2017. Logo que finalizou sua graduação, começou a trabalhar na rede estadual de educação do Tocantins e, na pandemia, atuou com as turmas do 6º ano do Ensino Fundamental II e no Ensino Médio, por meio de contrato.

A formatura do professor Milton foi em Geografia, no ano de 2006. No ano de 2015 começou a atuar na sala de aula e, no período da pandemia atuou com turmas de Ensino Fundamental II e Ensino Médio, mediante contrato.

Desafios de atuação no ensino de Geografia durante a pandemia da Covid-19

³ As entrevistas com os referidos professores foram realizadas no ano de 2024.

Quanto ao ambiente de trabalho dos professores, existia um horário determinado para que os mesmos estivessem na escola e nos demais momentos realizavam as atividades em suas casas.

Para dar prosseguimento às atividades escolares no período pandêmico, foram elaborados roteiros de atividades e formaram-se grupos de WhatsApp para uma comunicação mais rápida.

Os roteiros eram elaborados com base na matriz curricular e no Documento Curricular do Tocantins (DCT). Esses roteiros eram baseados em textos, para que os alunos pudessem interpretá-los e, em seguida, responder às possíveis questões. Tais roteiros de atividades eram desenvolvidos abordando várias disciplinas, entre elas Geografia.

A retirada do roteiro na escola era feita pelos pais, responsáveis ou pelo próprio aluno. O roteiro era levado para casa e tinha o prazo de cerca de 15 dias para ser devolvido à escola.

Nesse período de execução das atividades ocorriam diálogos entre os professores para troca de experiências entre os colegas, buscando uma melhor forma de trabalhar as atividades, discutir o modelo do roteiro e, também, verificar se havia algum recurso online que pudesse ser utilizado para facilitar a elaboração desses roteiros.

Os professores conseguiam acompanhar o desenvolvimento dos alunos por meio das atividades realizadas; porém, em alguns casos, suspeitava-se que essas atividades não eram respondidas pelos alunos e, em outros, os alunos apenas colocavam seus nomes nas atividades. Apenas uma minoria realizava o roteiro com atenção e dedicação. Diante do exposto, uma das grandes dificuldades abordadas em relação aos alunos foi a evasão escolar.

Durante a pandemia os professores organizavam o material com base no objeto de conhecimento a ser trabalhado, buscando simplificar ao máximo a compreensão dos alunos. Em alguns casos, o objetivo foi alcançado, mas em outros, os alunos não conseguiram entender o conteúdo, e não havia muito o que fazer. O desafio de trabalhar com os roteiros foi ainda maior quando eles retornavam sem respostas. A

escola desempenhava um papel fundamental em fiscalizar e garantir que o material fosse entregue aos alunos, evitando que perdessem conteúdo ou ficassem prejudicados em alguma disciplina.

Ocorreram dificuldades logísticas esporádicas, como a falta de papel e tinta para imprimir os materiais. Em alguns momentos, os roteiros ficavam prontos, mas não podiam ser impressos, e os alunos tinham que esperar vários dias para receber suas atividades, o que prejudicava o acompanhamento regular.

Apesar de todos os esforços, o acompanhamento dos alunos durante a pandemia era parcial e limitado pelas circunstâncias, sendo que alguns alunos procuravam os professores para tirarem dúvidas, fazer questionamentos ou até solicitar explicações via *Google Meet*. Esses eram os mais ativos no grupo de WhatsApp, o que permitia ao professor acompanhá-los de forma mais próxima.

Percepção dos conteúdos

Os professores argumentam que os roteiros impressos foram uma das ferramentas de ensino mais usadas, deixando o livro didático em segundo plano. O celular se tornou um dos meios usados pelos alunos para se comunicarem com os professores e o computador usado pelos professores para sua prática. Porém, tanto os professores quanto os alunos não tinham acesso adequado à internet ou a dispositivos tecnológicos de qualidade.

Aqueles alunos que não faziam a retirada dos roteiros o professor, a escola realizava a busca ativa, porém teve-se muita resistência por parte de alguns alunos, pois o mesmo não queria estudar e sim trabalhar. Durante a busca ativa que era realizada pela escola era entregue também cesta básica aos alunos. Um dos aliados nesse cenário de evasão na escola foi o Programa Bolsa Família, porque se os alunos não realizassem as atividades e se não estivessem com a frequência em dias o auxílio era cortado. Cerca de 70% dos alunos retornava com suas atividades.

Prática docente

Foram realizadas algumas capacitações para o ERE. No entanto, ministravam capacitações em que os professores se reuniam em uma determinada sala, e todos os profissionais da educação estavam presentes, demonstrando o reforço de capacitações pouco eficazes. As capacitações abordaram temas como: como trabalhar o ensino remoto com mudanças de metodologias e como utilizar as ferramentas tecnológicas (computador, celular e internet) e padronizando os modelos dos roteiros.

Alguns professores não tinham recursos para elaborar suas atividades, então a escola fornecia suporte para material e acesso à internet. Os coordenadores pedagógicos estavam sempre presentes na escola, sendo responsáveis por formatar, organizar e imprimir os roteiros, que depois eram repassados a outro responsável para distribuição aos alunos.

Durante o período da pandemia, os professores relatam que não desenvolveu nenhuma doença.

É ressaltado a importância do ensino presencial, por que na sala de aula presencial conseguem acompanhar o desenvolvimento do aluno de perto, podendo ajudar e sanar dúvidas, tendo uma melhor qualidade de ensino. No ensino presencial, o professor acompanha o desenvolvimento dos alunos, questiona, tira dúvidas e identifica os alunos que precisam de reforço.

A Geografia contribui para a compreensão da pandemia abordando o porquê ela ocorreu, quais países ela atingiu, e como poderíamos nos cuidar. O ensino de Geografia é muito importante, ele compreende os processos que acontece no espaço. Quando se fala em Geografia falamos de uma ciência que estuda os acontecimentos na sociedade. E nesses estudos a Geografia traz para os estudantes a compreensão do que deve ser feito para não ocorrer outra pandemia e também esclarecer todos esses processos numa dinâmica social. A Geografia busca esclarecer de forma coerente todas as transformações na sociedade.

Durante a pandemia haviam regras que impediam o professor de reprovar os alunos, mesmo que não tivessem participação e presença eficaz nas atividades. Assim os alunos eram aprovados independente se ele estava aprendendo ou realizando os roteiros.

Em relação a carga horária dos professores durante o ensino remoto emergencial, seguiu a mesma do ensino presencial. Se algum educador adoecesse, a disciplina era repassada para outro professor, pois não era possível contratar um novo professor.

Sobre o ensino híbrido, no início houve algumas resistências por parte dos alunos, por não querer voltar pra escola, pois estavam inseguros. A escola realizava o ensino presencial em que, durante a semana, parte da turma assistia aulas presenciais, com carga horária menor, na semana seguinte esse mesmo grupo realizava blocos de atividades em casa, enquanto o outro grupo frequentava as aulas presenciais. Foi feita divisão de horários para a turma do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, na qual um era pela manhã e o outro pela tarde. Havia no máximo, 15 alunos em cada sala, mantendo o distanciamento entre eles, assim os alunos se sentiram mais seguros e foram retornando com segurança.

No entanto, muitos voltaram impacientes, com a ideia de que não estava aprendendo, com dificuldades em se concentrar e dores de cabeça. Essas circunstâncias se dão devido ao retrocesso que a pandemia causou com os estudantes.

Organização dos roteiros

A professora mencionou que os roteiros incluíam textos, gráficos, mapas, figuras. Para a elaboração desses roteiros, eram usados sites de pesquisa e livros didáticos. O formato dos roteiros era padronizado para todos os estudantes. Como nem todos os alunos tinham acesso a aparelhos tecnológicos com internet, evitavam o uso de recursos *on-line* para responder as atividades. Os roteiros foram feitos em conjunto com outros professores, independente da área de atuação.

Antônio indicou que os roteiros seguiam uma estrutura baseada no plano de aula, em acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Cada roteiro incluía um objeto de conhecimento, habilidade e, posteriormente, uma metodologia que orientava o desenvolvimento dos alunos. Devido ao limite de páginas imposto, devido ao recurso de impressão, geralmente era trabalhado com cinco páginas por disciplina, o que não era o ideal. Por esta razão, tinham que reduzir os textos, destacando o uso de mapas e

figuras, para que os alunos analisassem e respondessem os exercícios. Desta forma, os alunos liam o texto, compreendiam os mapas e, em seguida, respondiam os exercícios, fixando o tema estudado.

Na organização dos roteiros era aconselhado o uso de tecnologia nas atividades. Eram colocados *links* e nomes de canais para que os alunos assistissem e respondessem aos roteiros. Entretanto, os professores não tiveram sucesso nessa abordagem, então passou a ser inserido apenas como sugestão. Alguns alunos não conseguiam responder às atividades que solicitavam o uso de tecnologia, pois não possuíam celular, computador ou acesso à internet.

Houve também casos específicos em que professores tiveram que adaptar os roteiros. Os primeiros roteiros elaborados, sem orientação ou modelo a seguir, não eram adaptados. No terceiro ano de Ensino Médio, o professor relatou que havia cinco alunos com algum tipo de deficiência, incluindo uma aluna com deficiência visual. Essa aluna tinha uma audição excelente, e no ensino presencial conseguia desenvolver as atividades proposta. Porém, no ensino remoto o professor não conseguiu alcançá-la, nem realizar atividades diferenciadas para a mesma. Uma das possibilidades seria trabalhar com vídeos que poderia interpretar por meio do áudio, mas a aluna não tinha acesso à internet. O professor se sentiu totalmente frustrado por não conseguir desenvolver atividades para a aluna. Posteriormente, a própria coordenação elaborava as atividades, abordando todas as áreas, e a família da aluna estava sempre presente na escola.

Para outros alunos com deficiência, o professor conseguia desenvolver atividades diferenciadas, utilizando imagens, figuras e desenhos para colorir referentes aos temas. Uma experiência diferente que o professor vivenciou na escola foi o “Dia da Consciência Negra”, que precisaram evidenciar durante a pandemia. A grande questão era: O que fazer? Como fazer? Foi realizada uma reunião com outros professores da área de História e Geografia, pois todos inseguros sobre como fazer uma culminância sem ter a presença dos alunos, e os alunos ainda precisariam apresentar dentro do calendário escolar. Alguns alunos foram direcionados para a atividade. Segundo o professor, o resultado desta atividade foi bem interessante, pois conseguiram realizar

uma culminância na qual os alunos não estavam presentes uns com os outros, mas cada um fez sua parte em casa. Alguns apresentaram sobre o Quilombo dos Palmares, e um deles se caracterizou em casa, mesmo tendo pele bem clara, pintando-se para a apresentação.

No final, obtiveram um bom resultado. A partir desta culminância, foi elaborada um vídeo com todos os momentos e enviado para a SEDUC e DREA como forma de comprovar que a escola estava cumprindo com as atividades.

Conforme Milton, a organização dos roteiros se baseava no Documento Curricular do Tocantins (DCT). Durante a elaboração dos roteiros, eram inclusos músicas, poemas, textos, cruzadinhas e vídeos. Junto a isso, era enviada uma mensagem bíblica de motivação para os alunos. A realização dos blocos de atividades acontecia por meio do livro didático, *Youtube* e sites, seguindo um modelo definido pela escola. Houve também alguns casos diferenciados, em que as atividades precisavam ser adaptadas. O aluno recebia tanto a atividade geral quanto a adaptada. Caso o aluno, devido às suas dificuldades, não conseguisse realizar a atividade geral, ele tinha a opção de realizar a atividade adaptada, que incluía mapas para pintura, localização do país, estado e o município, etc. A realização dos roteiros era feita individualmente em casa ou na escola e, posteriormente, enviada por *e-mail* à coordenação. Após o envio, o professor e a coordenação se reuniam para fazer as impressões e organizar o encaminhamento aos alunos.

Avaliação dos roteiros preenchidos pelos alunos

No relato da professora Bertha, ela menciona que em torno de 10% dos alunos não respondiam os roteiros, e os que realizavam entregavam, na maioria das vezes, fora do prazo. Os roteiros que não eram respondidos retornavam para que os alunos pudessem respondê-los, sendo comum o recebimento de roteiros atrasados.

As atividades eram corrigidas como se fossem provas, levando-se em conta a organização, a pontualidade na entrega e a busca para tirar dúvidas. As correções eram feitas tanto na escola quanto em suas respectivas casas. As respostas dos roteiros eram bem simples, assim como próprios roteiros, devido a situação frágil dos alunos. A média de notas dos roteiros seguia a mesma do ensino presencial.

Na escola em que a professora atuava, o ensino híbrido não foi adotado. No retorno das aulas para o presenciais, os alunos apresentaram dificuldades de concentração e dificuldades para fazer as atividades. Voltaram agitados, ansiosos, fazendo uso de palavrões e, em alguns casos respondendo aos professores. No entanto, a professora conseguia manter uma boa relação com os alunos.

O professor Antônio relatou que, no início do bimestre, havia um número maior de alunos que pegavam os roteiros na escola e os respondia dentro do prazo solicitado. Porém, alguns alunos perceberam que, ao pegar os roteiros somente no final do bimestre e realizar todas as atividades de uma vez, ainda conseguiam ser aprovados. Isso fez com que os outros colegas adotassem a mesma estratégia, já que não havia diferença de notas.

Em semestres posteriores em torno de 70% dos alunos não retiravam seus roteiros na data prevista. Alguns retiravam no prazo previsto devido ao lanche ofertado pela escola, e outros, mais carentes, recebiam uma cesta básica, organizada com o recurso de lanches destinado a escola.

A escola buscava incentivar os alunos a responderem os roteiros no tempo solicitado, oferecendo um mimo ou premiação ao aluno no final do bimestre. Para a retirada dos roteiros, geralmente era determinado o nome de uma pessoa responsável, evitando que qualquer outra pessoa pegasse o material, o que aumentaria o risco de perda. Quando essa pessoa chegava à escola, era necessário assinar um termo confirmando a retirada dos roteiros das disciplinas indicadas.

Os roteiros impressos ficavam guardados em uma sala, dentro de pastas organizadas para cada aluno, com suas identificações. As salas eram separadas por turmas e havia horários e dias definidos para que o responsável pudesse ir até à escola retirar. Eles procuravam a pasta do aluno, devolvia o roteiro anterior e retiravam o atual, em seguida assinavam o termo confirmação. Esse processo ocorria a cada 15 dias, sempre na metade e no final do mês. Por volta do dia 20, o professor ia até a escola para pegar os roteiros e fazer as correções em sua casa.

A nota dos roteiros era baseada na quantidade que era entregues durante o bimestre. Por exemplo, se cada roteiro valesse um ponto e houvesse dez roteiros, são

equivalentes a 10 pontos. Após concluir a análise, o professor retornava à escola e deixava na pasta de cada aluno o roteiro corrigido e organizado com anotações, indicando onde o aluno havia errado, para que pudessem ler e refletir sobre sua resposta. Todo o processo se baseava em cronograma de planejamento definido pelos professores. Esse ciclo se repetia e os professores não tinham nenhum contato físico com os alunos.

Durante as correções, o professor percebeu que as respostas eram, praticamente, todas copiadas da internet, até mesmo os sites que os alunos usavam eram os mesmos. A maioria não demonstrava interesse em ler o texto, analisar um mapa ou figura, eles buscavam diretamente as respostas na internet. Por isso, o professor evitava usar a internet como base para elaborar suas atividades, para que os alunos se esforçassem em fazer uma pequena leitura e desenvolver suas respostas. Nas correções prevaleciam as considerações por ter realizado a atividade. Se fosse usado somente a internet, a maioria dos alunos teria nota 10 no final do bimestre. Porém, poucos de seus alunos alcançaram a nota máxima, sendo apenas aqueles que mostraram maior interesse.

No retorno das atividades no modo híbrido, as turmas foram divididas em dois grupos. Uma semana um grupo ia para a escola revisar o tema dos roteiros, enquanto o outro grupo, que ficava em casa, fazia as atividades do roteiro, e vice versa. No início do ensino híbrido, a ida à escola era opcional para os alunos, mas posteriormente, passou a ser obrigatória. Neste retorno, os alunos voltaram revoltados, sem respeito com os professores e colegas, e apresentando transtornos emocionais. O desnível de aprendizagem era muito grande, com alunos que não sabiam ler ou que não conseguiam compreender o que liam.

Para tentar amenizar essa desigualdade, o Estado implementou um programa de recuperação de todo o conteúdo estudado durante a pandemia. Por exemplo, alunos do 2º ano revisaram temas do 1º ano, com uma matriz mais simples e menos complexa, e um processo intenso de alfabetização em todas as disciplinas, como forma de melhorar a aprendizagem. Para os alunos com menor desenvolvimento de aprendizagem, a escola implementou um nivelamento escolar, separando-os por turmas. Os alunos com menor

potencial intelectual em determinadas disciplinas foram colocados em uma turma, e os mais desenvolvidos, em outra. Em ambas as turmas, eram trabalhados conteúdos semelhantes, porém com níveis de dificuldade diferente, uma turma com nível maior e a outra em nível menor.

No retorno do ensino presencial, os alunos procuravam mais o professor para tirar dúvidas. No início, havia uma boa interação entre os alunos e professores, mas o convívio entre os próprios alunos não era tão bom, pois estavam todos inseguros com o retorno presencial. Os professores tiveram dificuldades para manter o controle sobre o distanciamento e o uso de máscaras, pois os alunos eram muito agitados. Os alunos não sentiam tanta falta das aulas, mas sim dos colegas, das brincadeiras, do convívio e das conversas. O professor mencionou que sempre procurava ouvir os alunos, e muitos abordavam querendo entender o motivo da pandemia.

Houve alguns casos de evasão escolar no retorno das aulas. Em um caso, um aluno não conseguiu conciliar o trabalho com a escola e desistiu. Porém, após algum tempo, com a busca ativa da escola, ele retornou. Cerca de dez alunos do Ensino Médio evadiram da escola, como eram maiores de idade, a escola e o conselho tutelar não conseguiram fazer muito por eles no que se refere à volta aos estudos.

Já Milton, em relação ao tempo de respostas aos roteiros, relatou que cerca de 60% dos alunos respondiam no prazo solicitado. Os alunos que estavam com as atividades em dia recebiam uma nota superior a 7, enquanto aqueles que realizavam as atividades fora do prazo tinham média 7. Os alunos não poderiam tirar nota abaixo da média, pois não era permitido reprová-los. Havia vários alunos com roteiros atrasados, ocorrendo situações em que o professor estava desenvolvendo atividades do segundo bimestre, enquanto alguns alunos entregavam roteiros do primeiro bimestre. Nesses casos, a situação era observada e a nota calculada de forma que eles pudessem recuperá-la. As correções dos roteiros eram feitas tanto na escola quanto em casa.

O desenvolvimento dos alunos durante o ensino remoto foi totalmente diferente do ensino presencial, pois no presencial o professor conseguia acompanhar os alunos e tirar suas dúvidas. Já no ensino remoto, não havia esse acompanhamento e, em muitos casos, suspeitava-se que a própria família respondia os roteiros pelos alunos.

No retorno do ensino presencial percebeu-se grande desnível de conhecimento entre os alunos. Vários não demonstravam interesse em aprender, buscavam informações fáceis, usavam o celular durante as aulas para jogar ou acessar redes sociais e seus cadernos estavam desorganizados. Muitos alunos eram ansiosos, agressivos, faziam uso de palavrões, tinham medo de perder a família, choravam com facilidade e tinha fácil acesso as drogas. Todas estas situações dificultavam o trabalho dos professores na escola. O professor afirma que os celulares foram o refúgio dos alunos durante a pandemia, devido ao isolamento. Todo esse acesso a jogos e redes sociais causaram uma “lavagem cerebral” nos alunos, tendo como consequência dificuldades para aprender. Eles esqueciam os conteúdos estudados com muita facilidade e, quando chegava o dia da prova, não lembravam quase nada do que estudaram. Isso se tornou uma catástrofe, deixando os professores saturados e esgotados com a situação.

Para amenizar este déficit de aprendizagem a escola trabalhou a alfabetização desde o Ensino Fundamental ao Ensino Médio, promovendo leituras, rodas de conversa, diálogos com os alunos. Em alguns casos, quando solicitado que o aluno lesse, ele chorava e dizia que não sabia. Diante dessas circunstâncias, foi feita uma readequação com foco na alfabetização, independentemente da disciplina. As agressões e palavrões eram dirigidos tanto aos professores quanto aos colegas de turma.

Em relação à evasão escolar, o Ensino Médio apresentou mais casos, já que os alunos estavam entrando no mundo do trabalho ou, até da criminalidade. No Ensino Fundamental, as evasões foram mínimas e a escola também atuou com a busca ativa, trazendo alguns desses alunos de volta para a escola.

Vacina da Covid-19

A professora Bertha afirma que tomou as três doses na data prevista. Quando houve a descoberta da vacina da Covid-19, ficou receosa devido tantas *fake News*, informações falsas e comentários negativos de alguns colegas, o que a deixou-a com medo, pois era algo novo, algo que nunca tinha vivenciado. No entanto, tomou as três doses, e tudo correu tranquilamente, não tendo nenhum problema.

O professor Antônio comenta que estava ansioso pela vacina. No auge da pandemia, sua esposa foi diagnosticada com a Covid-19, ficando em estado grave, e alguns amigos faleceram. Nesse período, a vacina ainda não estava liberada. As muitas informações falsas nas mídias e os números de mortes o assustaram muito, mas ele sempre quis se vacinar, pois tem vários problemas de saúde.

Quando a vacina foi liberada para os professores, ele relata que foi o primeiro a entrar na fila, pois não havia outra alternativa. O professor brinca com o ditado popular em que: “Se correr, o bicho pega, se ficar o bicho come”. Ele tomou a vacina e não se arrependeu. Posteriormente, foi infectado com o vírus da Covid-19, mas com sintomas foram bem leves. Fez todas as doses da vacina na data prevista.

Por fim, Milton diz que a descoberta da vacina contra a Covid-19, em um primeiro momento, o deixou inseguro devido a tantas informações falsas. Mas como era obrigatório, ele tomou as três doses solicitadas pelo Governo, mas não queria. Hoje, ele se sente muito contente e satisfeito por ter tomado a vacina e, se houver a liberação de outras doses, vai tomar todas.

Diante do exposto, foram muitas as dificuldades que precisaram ser superadas no ERE, tanto por alunos, professores, escolas e pais, por não estarem e não terem sido preparados para lidar com esse cenário, o que dificultou sua prática. Pode-se destacar a insuficiência de equipamentos de trabalho, bem como por muitos professores e alunos não terem compreensão digital necessária para fazer o manuseio dos equipamentos e interfaces digitais de forma autoral.

Assim, o ensino remoto foi uma das formas de continuar o ensino e aprendizagem nas escolas, no período pandêmico, porém trouxe exclusão de alunos. O distanciamento social acarretou, na Educação, várias desigualdades e evasão pelos alunos terem que lidar com a dificuldade da aprendizagem de forma autônoma e de acesso à tecnologias de comunicação. A dificuldade de ter acesso e dar continuidade ao ensino remoto fez com que muitos alunos não pudessem desenvolver suas atividades escolares, pois não são todos que tem acesso a um Computador, Celular, Tablet e, até mesmo, a rede de Internet, local adequado para estudar nessa situação, etc. (Sousa e Araújo, 2023).

Análise dos resultados

Todos os professores atuavam nessas escolas por meio de contratos. Duas das escolas mencionadas, atendiam alunos de bairros periféricos, sobre a outra, não tivemos informação, segundo relato dos professores entrevistados. Nessas escolas, não houveram aulas remotas, o ensino foi realizado por meio de roteiros. A elaboração dos roteiros era feita em sites da internet, com o livro didático deixando de ser o principal material.

O ambiente de trabalho foi tanto na escola, para o uso de computadores e internet, quanto em suas casas, o que aumentando a carga horária de planejamento. Em todas as escolas os professores enviavam os roteiros para a coordenação fazer a impressão.

Professores e alunos enfrentaram dificuldades para acessar internet de qualidade ou a aparelhos tecnológicos. Um dos dispositivos mais usados para tirar dúvidas ou receber o roteiro por alguns dos alunos foi o celular. Os professores acompanhavam o desenvolvimento dos alunos mediante a realização dos roteiros. A escolas nas quais atuavam realizou algumas capacitações, padronizando os modelos de roteiros, as mudanças de atividades, a quantidade de páginas dos roteiros e como fazer uso de computadores e internet, mas que foi muito superficial.

Os professores não poderiam passar atividades complexas aos alunos devido ao momento delicado que estavam vivendo. Sendo também complicado construir uma relação entre professor e aluno nesse momento para facilitar a aprendizagem. Para um professor a carga horaria aumentou e para os demais continuaram como no ensino presencial.

No Ensino Híbrido, as turmas eram divididas em dois grupos, em média de 15 alunos cada grupo, um ficava em casa realizando roteiros e o outro iria para a escola, e vice versa. Na escola do professor Milton foi dividido, também, os horários, sendo o matutino para o Ensino Fundamental e o vespertino para o Ensino Médio. Durante este retorno as aulas, os alunos demonstraram agitações, uso frequente de celulares e dificuldades em lidar com os colegas. No que se refere à evasão escolar, esta foi menor

no Ensino Fundamental do que no Ensino Médio, onde muitos alunos deixaram os estudos para entrar no mercado de trabalho.

Os professores ressaltaram a importância do ensino presencial, pois é no presencial que os alunos e professores convivem uns com os outros, trocam experiências a partir da coletividade e, muitas vezes, a escola é local onde eles se alimentam. Sendo assim, o professor consegue acompanhar o desenvolvimento de seus alunos, auxiliando-os de perto no que for necessário, enquanto no ensino remoto isso não era possível.

De acordo com os relatos, os roteiros seguiam um modelo definido pela escola, mas seu desenvolvimento baseava no Documento Curricular do Tocantins (DCT) e na BNCC. Considerava-se que os roteiros eram compostos por textos, gráficos, figuras e mapas. Procurava-se evitar solicitar o uso de tecnologias por parte dos alunos para responder aos roteiros. Cada disciplina não poderia exceder entre três a cinco folhas em cada atividade. Para alguns casos específicos, eram elaborados roteiros diferenciados. No início do bimestre, os alunos faziam a retira e realizavam os roteiros no tempo solicitado, porém não havia diferença de nota entre os alunos que entregavam seus roteiros dentro do prazo com os que faziam fora do prazo. Sendo assim, nos semestres posteriores, não se havia uma preocupação dos alunos em manter suas atividades em dia.

Os roteiros eram organizados em pastas separadas, identificadas com o nome do aluno, e essas pastas ficava na sala correspondente à turma. Quinzenalmente, o roteiro era devolvido e substituído por um novo para ser respondido. O professor recolhia o roteiro alguns dias após a devolutiva dos alunos, para que assim fizessem as correções e atribuíssem as notas. As notas eram aplicadas seguindo o mesmo modelo do ensino presencial. No entanto, o desenvolvimento dos alunos foi inferior ao ensino presencial.

Uma das escolas incentivava os alunos a entregar suas atividades no período determinado oferecendo alguns brindes. Parte da pequena minoria que realizava os roteiros em dia, fazia isso pra manter sua frequência escolar e, assim, não perder o benefício Bolsa Família. Outros frequentava a escola para se alimentar, pois não tinham o que comer em casa. No período pandêmico teve-se um salto tecnológico, pelo uso

intensivo de tecnologias de telecomunicação em vários setores da sociedade dentro os quais a educação. Porém nas escolas em análise esse salto não foi obtido, pois a metodologia usada foi a de roteiros. Todos os professores se vacinaram na data prevista. Dos três, dois fizeram por ser obrigatório e um por vontade própria. A insegurança, causada pela disseminação de notícias falsas, sendo nos jornais, redes sociais e amigos os deixou inseguros, mas hoje são gratos pela vacina.

Considerações finais

Os três professores da pesquisa, possuem formação em Geografia, e nenhum deles era concursado durante o período de pandemia, ano de 2020 a 2021. Somente um professor começou a atuar de imediato após sua formação, os demais começaram após sete e nove anos de formação, respectivamente, se envolvendo em outras atividades. Todos os professores ministravam mais que uma disciplina, sendo que, para os três, a Geografia fazia parte das disciplinas.

As escolas em que os professores atuavam eram: Escola Estadual Girassol De Tempo Integral Irmã Aspásia, Escola Estadual Girassol de Tempo Integral Dom Pedro II, Escola Estadual Carmenia Matos Maia. A comunicação com os alunos foi considerada como uma das grandes dificuldades pelos professores, sendo feita via *Whatsapp* e *e-mail*.

Durante o Ensino Remoto Emergencial (ERE), nenhuma plataforma online foi utilizada para ministrar aulas nas escolas mencionadas. Os roteiros impressos foram o principal material, com o livro didático servindo como apoio.

Todos os educadores disseram que não desenvolveram nenhuma doença emocional ou psicológica durante o período de pandemia. A Geografia presente na sala de aula contribui para que os alunos consigam compreender a pandemia e o que ocorre na sociedade.

Com o retorno das atividades por meio do Ensino Híbrido teve resistências por parte de alguns alunos por se sentirem inseguros. No que diz respeito ao Ensino Híbrido, apenas duas escolas adotaram esse modelo: a Escola Estadual Girassol de Tempo

Integral Irmã Aspásia e Escola Estadual Carmenia Matos Maia. Nessas escolas, as turmas eram organizadas com alternância de grupos de alunos semanalmente, com uma semana em casa e outra semana na escola. Durante esse retorno, observou-se que muitos alunos apresentavam dificuldades para ler, escrever e interpretar textos. Para minimizar esse desnível de conhecimento, o Estado, em conjunto com as escolas, começou a trabalhar a alfabetização e a revisar os conteúdos já trabalhados, independente das turmas. Os alunos com maiores dificuldades eram colocados em uma sala separada dos mais desenvolvidos. Em ambas as turmas, os mesmos temas eram abordados, porém de forma mais simples para o grupo com maiores necessidades.

Os objetivos propostos foram alcançados, contextualizando a pandemia, identificando as ações do Governo, as formações elaboradas com os professores para atuar no período pandêmico e as ações dos professores para a sua atuação durante a pandemia. Diante do exposto, fica algumas sugestões de possíveis ações de trabalhos: como se deu o processo de ensino aprendizagem em relação aos alunos especiais; como se desenvolveu o Ensino Híbrido; é importante que tenham trabalhos na perspectiva dos gestores e dos alunos de escolas; estudos que avaliam os impactos na saúde da comunidade escolar; isso A dificuldade de acesso à internet e equipamentos de qualidade pelos estudantes e professores foi elemento chave nessa questão. Outro ponto a ser questionado, é o que ficou de aprendizado após passarmos pelo período pandêmico que pode contribuir para amenizar os impactos de outras possíveis pandemia. Pensando no futuro, faz-se necessário que tenham políticas contínuas preparando para possíveis pandemia.

Referências

AGUIAR, Sonia. **COVID-19: a doença dos espaços de fluxos**. Niterói, Universidade Federal Fluminense ISSN 15177793 (eletrônico) GEOgraphia, vol: 22, n. 48, 2020.

BESSA, Kelly. LUZ, Rodolfo Alvez. **A Pandemia de Covid-19 e as Particularidades Regionais da sua Difusão no Segmento de Rede Urbana no Estado do Tocantins, Brasil**. Ateliê Geográfico, Goiânia-GO. V. 14, n2, ago/2020, p. 06-28.

BRASIL (2020). **Portaria nº 343, de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de

pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Disponível em: <http://abre.ai/bgvB>. Acesso em: 15 de dezembro de 2023.

GONÇALVES, Júnior Leandro. PESCE, Lucila. **Educar em tempos de pandemia: Desafios da Profissão Docente**. Revista Docência e Cibercultura - Redoc. Rio de Janeiro. V. 5. n. 3. p. 40-52. Set./Dez. 2021. ISSN 2594-9004.

LAGARES, Rosilene. **A educação no Tocantins no cenário da pandemia do novo Coronavírus: desvelamento de desigualdades**. Revista Educação Básica em Foco, v.1, n1, abril a junho de 2020.

LOIOLA, Alessandro. **COVID-19: A FRAUDEMIA Uma visão pela janela do maior embuste de todos os tempos**. ManhoodBrasil. p.1-13, 2020.

MACÊDO, Daniela, P. de, & FOSCHIERA, Atamis, A. **Características das pessoas acometidas pela Covid-19 em Porto Nacional (29/04/2020 – 31/08/2021)**. DESAFIOS - Revista Interdisciplinar Da Universidade Federal Do Tocantins, 2(1). 2023. Disponível em: https://doi.org/10.20873/pibic2022_11

OLIVEIRA, Raquel Mignoni de. CORRÊA, Ygor. MORÉS, Andréia. **Ensino remoto emergencial em tempos de Covid-19: formação docente e tecnologias digitais**. Rev. Int. de Form.de Professores (RIFP), Itapetininga. 2020.

PEREIRA, Carolina, Machado R. B.; COSTA, Helder Gomes. SERPA, Ana Andreza A. **Educação geográfica e ensino remoto: a relação dos jovens escolares com a escola na atualidade**. Ensino em Re-Vista, [S. l.], v. 29, n. Contínua, p. e028, 2022. DOI: 10.14393/ER-v29a2022-28. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/65696>. Acesso em: 8 jan. 2024.

SANTOS, Jocyléia Santana. MACEDO, m. I. I. ROCHA, José Damião Trindade. **Narrativas do ensino de História na Amazônia legal em tempos de pandemia da Covid-19**. Humanidades & Inovação, v. 8, p. 4, 2021.

SOUZA, Marcos Gomes. ARAÚJO, Raimundo Lenilde de. **Ensino remoto emergencial no contexto da pandemia da covid-19: reflexões no curso de Geografia da universidade federal do Piauí**. VIII Congresso Nacional de Educação (CONEDU). João Pessoa – PB: 12 a 14 outubro de 2023. p. 1 -6. Disponível em: [TRABALHO_EV174_MD4_ID8790_TB2019_29072022150846.pdf\(editorarealize.com.br\)](TRABALHO_EV174_MD4_ID8790_TB2019_29072022150846.pdf(editorarealize.com.br))

TOCANTINS. **Lei 2/2020/SES/GASEC/SEDUC/UNITINS**. Emitem esta Portaria Conjunta que dispõe sobre o Protocolo Estadual de Segurança para o retorno das atividades educacionais em Instituições de Educação Básica e Superior no território do Tocantins. Diário Oficial do Estado do Tocantins, Palmas, TO, 21 de outubro de 2020. Disponível em: <https://doe.to.gov.br/diario/4226/download>

TOCANTINS. **Lei 6.071, de 18 de março de 2020b**. Determina ação preventiva para o enfrentamento da pandemia da COVID-19 (novo Coronavírus). Diário Oficial do Estado

do Tocantins, Palmas, TO, 18 de março de 2020. Disponível em: <https://central.to.gov.br/download/46140>

TOCANTINS. **Lei 6.073, de 24 de março de 2020c.** Determina antecipação das férias escolares na Rede Pública Estadual de Ensino, e adota outras providências, e adota outra providência. Diário Oficial do Estado do Tocantins, Palmas, TO, 24 de março de 2020. Disponível em: <https://central.to.gov.br/download/46147>

TOCANTINS. **Lei CEE/TO Nº 105, de 08 de abril de 2020d.** “Estabelece formas de reorganização do Calendário Escolar/ 2020 e define o regime especial de atividades escolares não presenciais no Sistema Estadual de Ensino do Tocantins, para fins de cumprimento do ano letivo de 2020, como medida de prevenção e combate ao contágio do Novo Coronavírus (COVID-19)”. Diário Oficial do Estado do Tocantins, Palmas, TO, 15 de abril de 2020. Disponível em: <https://central.to.gov.br/download/19879>

TOCANTINS. **Lei CEE/TO Nº 154, de 17 de junho de 2020e.** ESTABELECE normas complementares para a reorganização do Calendário Escolar, os planejamentos e práticas pedagógicas para a oferta e o cômputo de atividades educacionais não presenciais, para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, com o objetivo de minimizar o impacto decorrente da Pandemia da COVID-19, na educação. Diário Oficial do Estado do Tocantins, Palmas, TO, 13 de julho de 2020. Disponível em: <https://central.to.gov.br/download/19878>

TOCANTINS. **Lei no 6.065, de 13 de março de 2020a.** Determina ação preventiva para o enfrentamento do COVID-19 – novo Coronavírus. Diário Oficial do Estado do Tocantins, Palmas, TO, 13 de março de 2020. Disponível em: <https://central.to.gov.br/download/46143>

TOCANTINS. **Secretária da Educação, Juventude e Esportes (SEDUC).** Diário Oficial do Estado do Tocantins, Palmas, TO. 2020. Pg. 1 – 30. Disponível em: <https://central.to.gov.br/download/247428>

TOCANTINS. **Suplemento Diário Oficial. Plano de retomada das atividades escolares presenciais - ensino híbrido.** Diário Oficial do Estado do Tocantins, Palmas, TO, 14 de maio de 2021. Disponível em: <https://doe.to.gov.br/diario/4371/download>

Recebido: 17/02/2025 Publicado: 02/05/2025

Editor Geral: Dr. Eliseu Pereira de Brito